

Arteterapia na reabilitação de um idoso. As criaturas oníricas de Miró e Lineu¹

Cristiane Tenani Pomeranz

Ruth Gelehrter da Costa Lopes

Beltrina Côrte

*[...] a própria morte nos resulta inimaginável e embora tentemos, podemos observar que ante isto continuamos a ser meros espectadores (...) lá no fundo, todos queremos acreditar na nossa imortalidade (...). Suportar a vida é, e será sempre a primeira obrigação de todos os seres humanos (...) se desejas suportar a vida prepara-te para a morte.
(Freud, 1998, p.290 apud Goldfarb, 2002, p. 21)*

Na reabilitação é de praxe viver experiências que mostram que suportar a vida não é uma questão de escolha, é sim um processo necessário no qual a arte oferece oportunidades do participante elaborar meios de proceder, e se apoderar daquilo que o permita sustentar esse dever, pois, em todas as manifestações artísticas vida pulsa e revela expressões das mais diferentes vias percebidas por quem tenta se reconstruir como sujeito.

Francisquetti (2005, p.261), precursora da arte-reabilitação, no Brasil, afirma:

Na reabilitação entramos num mundo onde enxergar não quer dizer ver, onde comunicação não se traduz pela compreensão da linguagem, onde tocar não quer dizer sentir, ouvir não quer dizer escutar ou, ainda, caminhar não é andar com os próprios pés.

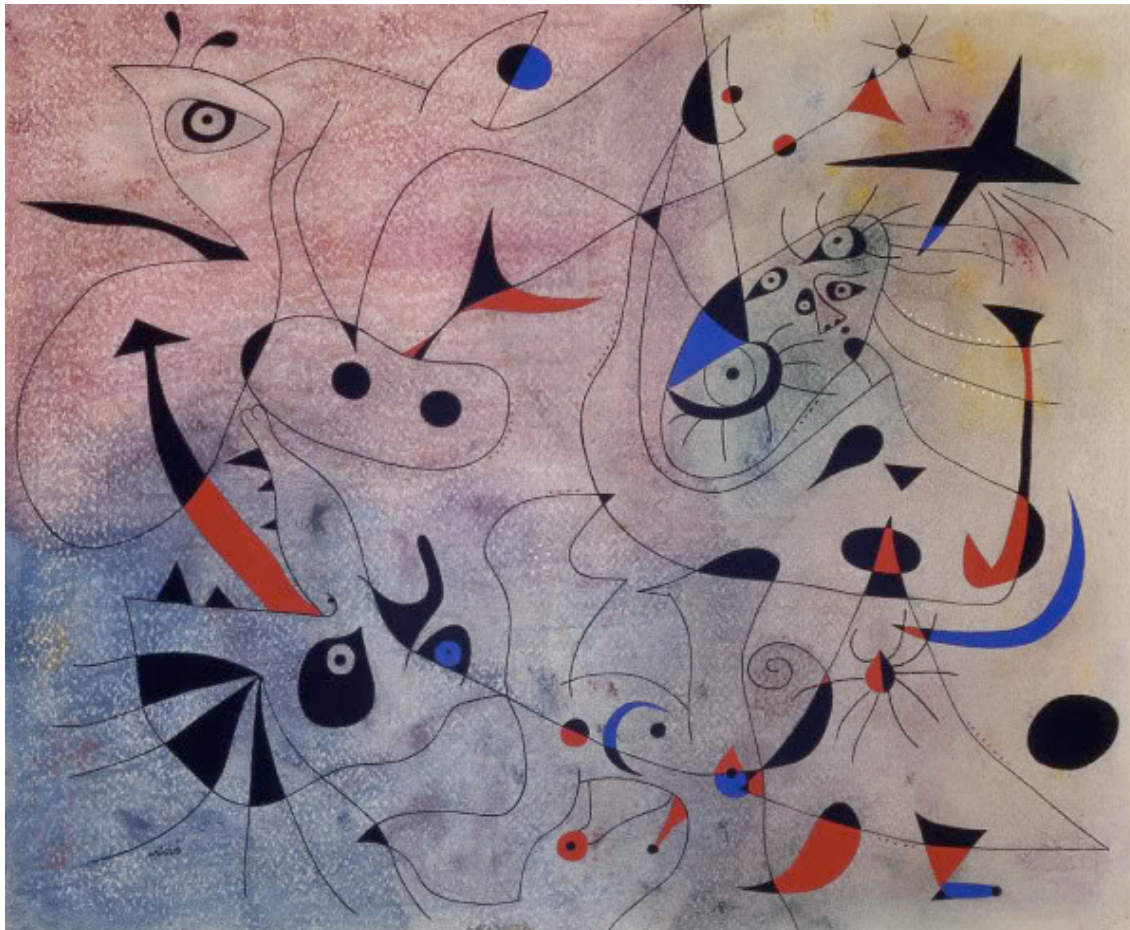
A reabilitação é um processo médico, social e educacional para que milhares de pessoas que sofreram algum tipo de acidente possam ter uma vida normal e independente.

Após uma releitura da obra do pintor brasileiro, Milton da Costa (2005), o Sr. Lineu, de 73 anos, manifestou o desejo de fazer algo mais livre, sem usar a obra de um artista como referência. Mas, o conhecimento da arte e o pensamento dos artistas podem ajudar a descortinar os desejos daqueles que

¹ Para preservar a identidade do participante, seu nome foi modificado.

buscam na arte possibilidades de recuperar as esperanças, de quem, por um derrame, teve o futuro arrebatado pela própria vida.

Miró e suas criaturas oníricas foram fundamentais nesse contexto.



La Estrella Matutina – Joan Miró

As propostas sugeridas aos participantes que buscam a ajuda da Arteterapia na reabilitação têm como objetivo principal oferecer oportunidade de fazer dessa experiência não só um meio de reabilitar, como de encontrar um “plus” (Golfarb, 2002, p. 25.), que sirva de pulsão de vida a quem vive, desde o acidente sofrido, algo que Freud denominava como “uma total falta de ressonância” (Goldfarb, *apud* Freud, 2002, p. 24). A mudança talvez não seja muito notada exteriormente, pois tudo continua a interessar e a qualidade não muda muito, mas falta a ressonância.

A proposta da experiência aqui apresentada teve início com a realização de um fundo solto que iria servir de palco para as criaturas imaginadas por Sr. Lineu, um participante bastante especial.

Por algumas semanas os livros sobre a obra de Joan Miró o acompanhavam como lição de casa, já que a proximidade com a obra deste artista se fazia necessária para que suas próprias criaturas pudessem ganhar existência.

Este senhor, muito falante, culto e com boa conversa, exerceu a advocacia até ter um derrame que lesionou boa parte do lado direito de seu cérebro. Conversas sobre os primeiros tempos, quando para aliviar a pressão interior do cérebro causada pelo inchaço precisou ficar, como expressou, “destampado” devido a retirada de um pedaço da calota craniana (Craniectomia) e a aflição que isso causava, foram temas de alguns diálogos no atelier.

A aflição sempre foi acolhida pelas arteterapeutas, que tentavam ouvir e ajudá-lo a transformar, através da arte, essa angústia em algo que pudesse fazer sentido. Afinal um cérebro, mesmo lesionado, continua sonhando e desejando novos rumos para a vida, que, de uma hora para a outra, passa a ser sufocada pelo processo de reabilitação física.

Os sonhos do Sr. Lineu são simples, porém distantes. Deseja “sair apenas pelo prazer de velejar. Sentir o vento no rosto em alto mar. Olhar para os lados e ver apenas água e no meio do nada encontrar borboletas amarelas voando apenas para reafirmar que o impossível é menor do que parece”.

E é pelos sonhos que recupera o gosto pela vida.

Sonhar gera movimento que o impulsiona e a arte o veículo para realizar os desejos. Será uma experiência satisfatória? Não sabemos! Mas são espaços para tentativas.

Sonhos. Alucinações. Para Miró tudo parecia lúdico.

Até mesmo quando este artista retrata o horror da guerra civil espanhola, o lúdico facilita a aproximação com o que se tornou pesadelo. Mesmo papel parece ter a Arteterapia no processo de reabilitação. Acalmar o que tumultua a vida. Organizar o que parece ser o caos.

O processo de reabilitação do Sr. Lineu foi, como todos os outros, repleto de provas de superação. Através de cada pincelada, superou as dificuldades motoras e preencheu o lado negligenciado. Conforme Francisquetti (2005, p, 265):

Quando o cérebro está lesado, os desenhos também apresentam transformações e revelam informações sobre as condições cognitivas do paciente. Por isso é importante perceber essas mudanças e deixar de lado os aspectos estéticos, procurando valorizar o terapêutico – para o qual o que importa é propiciar aos indivíduos uma forma de dinamizar os conteúdos de sua vida psíquica, cognitiva e a organização dos estímulos perceptivos.

As criaturas de Miró criaram um interessante diálogo com Sr. Lineu. Após trabalhar livremente no fundo, chega a hora de dar vida às criaturas. E o que parecia fácil foi se tornando complicado.



As criaturas de Lineu

As criaturas pareciam incomodar e dificultavam cada vez mais o trabalho. Ele dizia: - *Essas criaturas parecem cérebros e eu fico muito incomodado com isso!*

A vontade de se lançar ao trabalho livre é na verdade a vontade de se descobrir sem referências, de ir por um caminho sem trilhas prévias. No entanto, a liberdade artística é uma possibilidade de espelho: ao criamos nos percebemos na obra. É nesse reflexo que Sr. Lineu se lançou, através das formas, reviu seu cérebro desesperadamente aberto.

O que fazer com aquilo que é percebido e causa aflição? Deixar o trabalho de lado foi a primeira sugestão vinda do próprio participante, pois é muito mais fácil colocar de lado aquilo que incomoda. Mas, para superar o incômodo é preciso enfrentá-lo, que pode ser suavizado em seu processo no fazer artístico. É preciso viver o luto daquele Sr. Lineu, que existiu antes do AVC, e ao arteterapeuta cabe acolher e acompanhar esse luto ajudando, quando possível, na sua elaboração.

Para a psicanálise, a morte não é só a morte biológica. Trata-se das perdas de coisas que deixamos de fazer, de renúncia ao desejo, da falta de realização, da morte do cotidiano, da morte simbólica. Fácil entender as muitas mortes que alguém que sofre um AVC precisa elaborar.

Olhar essas criaturas imaginárias que viraram cérebros foi uma oportunidade de ampliar a percepção do que ocorreu, para trabalhar o sujeito que continuou a existir após o AVC.

Através desse trabalho foi possível olhar as questões psíquicas constituídas ao longo da vida. Quem eu era antes do derrame? O que construí ao longo da vida? E mais importante: O que restou deste sujeito e do que foi constituído?

Essas perguntas estiveram presentes durante todo o processo artístico e, com a ajuda das arteterapeutas, em cada pincelada, em cada conquista estética que superava as dificuldades, o Sr. Lineu pode perceber que dependeria dele próprio o empoderamento desse novo cérebro e dessa nova situação. Ao finalizar o trabalho, ficou clara sua capacidade de transformar em algo interessante e belo esse novo Sr. Lineu, que continua a ser modificado em cada quadro, em cada rodar da cadeira de rodas nesse processo de reabilitação.

Trabalho pronto e emoldurado. Restava apenas escolher um lugar na casa para pendurar e convidar os filhos e netos para ver sua arte.

Lineu teve um AVC.

Um AVC que deixou sequelas importantes.

Lineu faz arte na sua reabilitação.

Lineu se modifica como sujeito, percebe-se através da arte, mas...

Lineu continua sendo Lineu.

Referências

FRANCISQUETTI, A. A. Alice: Arte-reabilitação com pacientes vítimas de dano cerebral (AVC). In CIORNAI, S. *Percursos em arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde*. Summus Editorial, 2005.

FUNDACIÓ JOAN MIRÓ. *Guía de la Fundación* – Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2010

GOLFARB, D.C. Psicanálise e envelhecimento. *Revista Kairós*. São Paulo, *Caderno Temático 2*, ago. 2002, pp. 13-38

SIQUEIRA, V.B. *Milton da Costa*, Rio de Janeiro: Sílvia Roesler Edições de Arte, 2005.

Data de recebimento: 12/12/2015; Data de aceite: 22/01/2016.

Cristiane Tenani Pomeranz - Arteterapeuta pelo Instituto Sedes Sapientiae, mestranda em Gerontologia Social PUC-SP. Idealizadora do Projeto Faça Memórias e do Atelier de Arte&Inclusão do Museu Brasileiro da Escultura, MuBE, SP. E-mail crispomeranz@gmail.com

Ruth Gelehrter da Costa Lopes – Professora associada da PUCSP: Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia, curso de Psicologia e supervisora da Clínica-escola “Ana Maria Poppovic” no Atendimento Psicoterapêutico a Idosos, em Grupo. E-mail: ruthgclopes@pucsp.br

Beltrina Côrte - Jornalismo (UNISANTOS), mestre em Planejamento Regional (Universidad Los Andes, Bogotá, Colômbia), doutorado em Ciências da Comunicação (ECA/USP). E-mail: beltrina@pucsp.br